

+ Suplemento IN'

'SHINE A LIGHT'  
SÓ SE OUV  
ROLLING STONES  
SÓ SE VÊ  
SCORSESE



7 ABRIL 2008 | SEMANAL | ESTA REVISTA FAZ PARTE INTEGRANTE DO DIÁRIO DE NOTÍCIAS N.º 50771 E DO JORNAL DE NOTÍCIAS N.º 319129 | NÃO PODE SER VENDIDA SEPARADAMENTE

# Mineiros do séc. XXI

A subida do preço do ouro, do volfrâmio,  
do cobre e do zinco deu nova vida  
a uma profissão que já foi maldita em Portugal.  
A **NS'** desceu ao fundo das minas  
e mostra como se trabalha debaixo da terra

**ALDA PEREIRA LEMAÎTRE**  
Presidente da Câmara de Noisy-le-Sec:  
"Sempre me recusei a aceitar  
o estatuto de pobre e emigrante"

**90 ANOS DA BATALHA DE LA LYS**  
O grande combate  
de Portugal nas trincheiras  
da I Guerra Mundial

CARTÃO PARA TROCAR PELO DVD 'IN THE CUT'

**DVD  
OFERTA**







Antes de descerem aos túneis da Panasqueira, os mineiros passam pela imagem de Santa Bárbara e benzeirão. A saída são revisitados, para evitar a lentidão do volfrâmio

milhões de euros em pesquisa. Para o seu principal projecto em Jules obtiveram uma licença experimental – atribuída em Maio de 2007 – que permitia à empresa concluir testes no depósito de Galbétia, perto da mina regional onde resta um velho cavalete conhecido localmente como a Torre Eiffel de Jules e um armazém, hoje transformado em discoteca.

A equipa emprega dez pessoas, incluindo dois geólogos, que procuram, além do ouro, antimónio, estanho e volfrâmio, e os mineiros atinda no exterior, que trabalham nas perfurações. Os buracos são feitos à superfície até 500 metros de profundidade ou mais, dependendo da crença e do dinheiro de quem procura. "Cada metro de perfuração custa cem euros." Em Jules, já fizeram "5600 metros, o que implica alto custo", explica Matthews.

Do minério retirado das sondagens resultam as amostras, rolos de pedra cortados ao meio por Adérito Canochas. Metade segue para a Irlanda, onde está o único laboratório na Europa com capacidade para analisar ouro, a outra fica no depósito de amostras da Kernow. São cerca de quatro mil cabos de madeira, todas catalogadas, que servem de referencial e informam qual a profundidade da amostra. Adérito é o organizador: "Faço o catálogo, pinto as caixas e atribuo os números." Algumas amostras mostram pontos de "ouro puro" incrustados na pedra. "Há um filão a 420

## Em tempo de guerra

As minas de volfrâmio foram encerradas por Salazar

**APRESENTADO** pela primeira vez em 1900, na Exposição Universal de Paris, o volfrâmio (na foto) foi desde logo muito valorizado pelos norte-americanos, que descobriram as suas potencialidades quando associado ao urânio, contendo-o em alta resistência. Com características

de dureza semelhantes às do diamante, alta densidade e trabalhado em pó, resistindo a temperaturas muito elevadas, o uso do volfrâmio, um dos últimos metais descobertos pelo homem, nunca se tornou vulgar devido ao preço. Na II Guerra Mundial, a exploração da Panasqueira



atingiu o auge. Por pertencer aos ingleses, Oliveira Salazar mandou encerrar as minas de onde era retirado o chamado ouro negro. O volfrâmio serviu os interesses dos alemães, pois toda a extração se destinava aos nazis. Ocorreu então uma corrida de a Serra, sem controlo nem projecto definido na procura, eram conhecidos por "pilhas". No tempo da "febre do volfrâmio" terão sido mais de 100 as minas de volfrâmio que se abriram na "pilha" do ouro que operaram pela década de 1930. Na profissão de mineiro, no auge do conflito, os "pilhas" aventuraram-se a abrir a procura a dura rocha na esperança de encontrar o "ouro negro" que lhes permitia fazer uma pequena fortuna.

metros de profundidade: muito rico", garante Alan Matthews. Por dia avançam, conforme a dureza da rocha, "nove metros se for dura e até 50 se for macia", explica o geólogo Paulo Ferraz.

Com o rio Pinhéla a seus pés, entra-se da mina. A galeria feita em 1990 entra no filão uns 80 metros até chegar à estrutura e depois mais 350 para atingir os tonéis de metal amarelo. Nos próximos dois anos "estabelecemos a galeria mais 200 metros e faremos um piso para testar diferentes métodos de exploração". Talvez daqui a cinco anos as antigas minas romanas, de que ainda são visíveis galerias, poços e diques, deixem de ser como companhias o vento e a terra esventada.

A paisagem que envolve a Panasqueira denuncia grande actividade à volta da mina. Na encosta são visíveis várias fileiras de casas que pertencem à Beralit Tin and Wolfram até 1994, altura em que a mina fechou pela terceira vez – as duas primeiras por ocasião das guerras mundiais – quando a administração decidiu vender as casas aos mineiros. Alguns edifícios abituados denunciavam abandono. Cheira a tempo parado. É um mundo à parte na serra do Apor. Até lá, a estrada segue estreita e sinuosa por uma encosta que desce até ao Zêzere. Encontram-se nas margens do rio as "aldeias vivas" das antigas instalações mineiras e uma escumbrinha. Terras de homens que moram cedo, envelhecidos, pela mina, deixando

juventes mulheres envelhecidas e vestidas de soneira. Depois da aldeia de São Francisco de Assis, eis a Barroca Grande, onde se localizam os escritórios da Beralit e a única entrada para a mina, que se faz pelo túnel dos Ribaduros.

Para retirar o volfrâmio da montanha constituiu-se uma rampa em diagonal com quatro riveis, de zero a três. Este último fica a 500 metros de profundidade. Antes de descer, os mineiros passam pela imagem de Santa Bárbara, tiram o capicete e benzeem-se junto à boca do túnel. Evitem protecção à padroeira, pois nunca sabem se voltam; o último acidente mortal nas minas da Panasqueira ocorreu em 2005. Confirma-o Alfredo Pereira, que todos conhecem por "Pulxoto", mineiro há 42 anos.

"Trabalhar hoje na Panasqueira é muito mais fácil. O homem foi substituído pela máquina e há ventilação. A vida do mineiro prolonga-se por mais anos. Hoje, faz-se tudo através de uma rampa que se abre para cortar os filões, enquanto antigamente eram serventils. Substâncias quanto antigamente em serventils. Substâncias de madeira com pesos, o minério em lin-

po com uma enxada e, com um cesto de ferro, deitava-se para os vagões", conta.

Com os pulmões habituados à asfixia, aos 64 anos, "Pulxoto" só faz aquilo que pode: "Inflize, miente tanto cinco por cento de silicose e quando não há força não vou." Os seus camaradas afirmam que conhece a mina como ninguém, que não se perdia mesmo às escurelas pelo meio dos labirintos de túneis e pilares. A mesma sorte não têm os muitos jovens mineiros que antes dos 30 anos escolheram aquele espaço cavernoso e húmido para desentramar-se – os novatos nunca ficam sozinhos, embora a mina esteja cartografada e basta "seguir o barulho das máquinas", nada que os outros mais velhos já não escutam, agora que as regras de segurança obrigam ao uso de

protectores auriculares. Descem à mina naquilo que chamam o "intercâmbio" ou o "regional", dependendo das paragens que fazem pelo caminho, mas na realidade trata-se de um tractor com atrelado, arrastado





Perto das velhas minas romanas, o canadiano Alan Matthews reiniciou a prospecção de ouro em Jales, Vila Pouca de Aguiar. Do depósito da Gralheira já retiraram da rocha 126 amostras, depois armazenadas em caixas de madeira, procedimento "necessário para entender a geologia"

principal activo em operação do grupo sueco Lunding Mining. Em 2011, quer expandir a exploração ao chumbo e à prata no jazigo do Lombador. Com esta nova exploração, a Neves Corvo transformar-se-á na segunda maior mina europeia.

A operar desde 1988, a Somincor produz anualmente cerca de 340 mil toneladas de concentrado de cobre e duas mil toneladas de concentrado de estanho, empregando 842 pessoas. A mina é subterrânea, com dois acessos até ao fundo, a 750 metros. O poço utilizado para a extracção de material está no meio e a rampa desce em espiral. Através de explosivos, disparados via rádio, desmontam a pedra, fazendo uma bancada para o minério cair. Para tal usam gelamonite e anfo (nitrate de amónio com gasóleo), sempre sob a protecção de Santa Bárbara. Na rolagem, o minério circula nos *dumppers* (camiões) e pás carregado-

ras até ao britador, seguindo depois para silos e dali para o poço até à superfície.

Trata-se de uma mina recente, com pouco mais de 20 anos – por isso, contrariamente à Panasqueira, não se respira ali carga histórica, nem é marcada por montes encaixados no verde da serra. Ali é planície e moderna estrutura industrial que dá prioridade absoluta à segurança, filosofia que valeu um prémio, em 2004. Para levar a mensagem aos mineiros, sensibilizam-nos com a imagem dos filhos nos cartazes de segurança, alertando os pais em cada curva da mina. "A maior parte dos acidentes ocorre por actos inseguros e não por condições inseguras", garante João Albernaz, chefe do departamento de desenvolvimentos e serviços.

Antes de ir para a mina, todos os mineiros colocam um cartão num quadro. Dessa forma há um controlo total de quem está no fundo e em que área. Podem gabar-se por não haver um único caso de silicose, graças ao sistema de ventilação através de colectores ligados à superfície. Os corredores são largos, com iluminação branca ou verde que sinaliza os pontos de cruzamento de máquinas. Numa mina nada é ao acaso, a natureza comanda e o homem contoma até a temperatura, que nas profundezas aumenta um grau de 33 em 33 metros.

Cristiano Banza, de Aljustrel, tem 30 anos e há oito que trabalha em Neves Corvo. "O meu pai foi mineiro, o meu avô foi mineiro... quando vim cá pela primeira vez é que tomei a realidade da mi-

na, não fiquei desgostoso com o que vi." Sempre trabalhou na bancada com o "jumbinho". Já não reconhece na mina o trabalho duro de que falava o pai, além de que leva para casa um salário de "1200 euros, com prémios".

Chegando à lavaria, dirigida por Camacho Valente, o minério entra na moagem onde se reduz a 40 micras. Só assim é possível separá-los dos sulfuretos pelo método da flutuação. De um

lado saem os concentrados, do outro os rejeitados. Na sala de controlo da lavaria, os operadores controlam duas mil toneladas por turno, tudo através de consolas da área de britagem.

No processo de concentração do minério, as lavarias produzem anualmente 1800 toneladas de rejeitados, portadores de elementos químicos contaminantes, verdadeira dor de cabeça ambiental.

A barragem dos rejeitados, conhecida por Cerro do Lobo, acolhe há 20 anos o método subaquático de deposição, que impede a oxidação do material tóxico. No futuro, com

o aumento de produção da mina, a Somincor fechará a barragem em células – tipo salinas, onde serão depositados os rejeitados em pasta –, que depois de cheias serão tapadas com membrana, camadas de escombro e terra vegetal. A empresa acredita que a deposição em pasta permitirá a "completa reabilitação e revegetação de toda a área" da barragem. "Já fizemos uma ins-talação-piloto e o método funciona", explicam. Esperam aprovação ambiental. ■

## Doença dos mineiros

A silicose afectava muito frequentemente os mineiros pela aspiração por via respiratória de finas partículas de sílica cristalina que se soltam da rocha. As partículas maiores podem ficar retidas nas narinas ou nas grandes vias aéreas, mas as menores atingem os pulmões. Quando atingem esses órgãos, algumas partículas dissolvem-se e podem passar para a corrente sanguínea. A silicose caracteriza-se por inflamação em forma de lesões nodulares nos lóbulos superiores do pulmão. O problema foi minorado nos finais da década de 1950, com a utilização de injeção de água nas brocas de perfuração, que faz com que as micropartículas se depositem no solo. A doença foi identificada pela primeira vez por Romazzini, em 1705.

**Dez grammas de ouro custam 200 euros, o que atrai empresas mineiras estrangeiras. Mas o investimento para arrancar com uma mina de ouro vai dos 20 milhões de euros até às centenas de milhões**